

CARTOGRAFIA CRÍTICA PARA ANÁLISE DO DISCURSO GEOGRÁFICO

Jovenildo Cardoso RODRIGUES¹

Resumo

A geografia contemporânea, particularmente a geografia crítica ortodoxa, ao longo do seu processo de formação epistemológica e disciplinar desenvolveu uma série de reflexões que tenderam a negligenciar ou mesmo marginalizar o mapa, compreendido enquanto herança da geografia tradicional e pragmática. Considerando tal questão/discussão, este ensaio objetiva apresentar algumas reflexões acerca do papel da cartografia no período atual, bem como, da "Cartografia Geográfica Crítica" (CGC) de maneira a se pensar o mapa, para além da crítica ortodoxa, compreendendo-o como parte da análise do discurso geográfico, instrumento de saber e poder a partir do qual se torna possível interpretar a realidade socioespacial e, mesmo, contribuir em processos de emancipação social.

Palavras-chave: Cartografia; Cartografia Geográfica Crítica; Mapa.

LA CARTOGRAPHIE CRITIQUE POUR L'ANALYSE DU DISCOURS GÉOGRAPHIQUE

Résumé

La géographie contemporaine, en particulier la géographie critique orthodoxe, au cours de son développement épistémologique et disciplinaire a développé une série de réflexions qui ont tendance à négliger ou même à marginaliser la carte, comprise comme un héritage de la géographie traditionnelle et de la pragmatique. À partir de cette question / discussion, cet essai vise à présenter quelques réflexions sur le rôle de la cartographie de la période actuelle, ainsi que la "Cartographie Géographique Critique" (CCG), afin de réfléchir à la carte, au-delà de la critique orthodoxe, en la comprenant à partir de l'analyse du discours géographique comme un instrument de connaissance et de force sur lequel on devient possible d'interpréter la réalité socio-espacial et même de contribuer à des processus d'émancipation sociale.

Mots-clés: Cartographie; Cartographie Géographique Critique; Carte.

CARTOGRAFIA CRITICA PARA EL ANÁLISIS DEL DISCURSO GEOGRÁFICO

Resumen

La Geografía Contemporánea, particularmente la Geografía Ortodoxa a lo largo de su proceso de formación epistemológica y disciplina, ha desarrollado una serie de reflexiones que llevan a descuidar o hasta mismo marginalizar el mapa, comprendido en lo que trata herencia de la geografía tradicional y pragmática. Considerando esta cuestión/discusión, éste ensayo tiene como objetivo presentar algunas reflexiones acerca del papel de la cartografía en el período actual, sobre todo el de la "Cartografía Geográfica Crítica" (CGC) de modo que nos lleve a pensar el mapa más allá de la crítica ortodoxa, comprendiéndolo como parte del análisis del discurso geográfico, instrumento del saber y poder, a partir del cual se torne posible interpretar la realidad socio-espacial y hasta mismo contribuir en procesos de emancipación social.

Palabras clave: Cartografía; Cartografía Geográfica Crítica; Mapa.

¹ Economista e Geógrafo, Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP) – Presidente Prudente/São Paulo. e-mail: jovengeo@yahoo.com.br.

INTRODUÇÃO

Tanto nas sociedades ocidentais como nas orientais, a cartografia invariavelmente une o objetivo ao subjetivo, a prática aos valores, o mito ao fato comprovado, a precisão à aproximação. As histórias eurocêntricas tradicionais têm desprezado os usos míticos, psicológicos e simbólicos dos mapas, valorizando seu uso prático; isso se deve mais à nossa obsessão pelos modelos científicos do que à história real da prática cartográfica (HARLEY, 1991, p. 9).

80

A construção do pensamento geográfico ao longo do processo de formação da sociedade ocidental esteve baseado em grande medida à associação entre geografia e os mapas. O caráter subjetivo e por vezes ideológico de sua concepção, seja enquanto imagem mental, seja enquanto simulacro, ou enquanto representação do território, os mapas exercem um fascínio e ao mesmo tempo um papel importante para a interpretação de processos, de dinâmicas de produção e reprodução da realidade e da sociedade.

A esse respeito, Girardi (2008) afirma que o mapa configura-se elemento representativo que possibilita a transmissão da visão de mundo de seu autor e é, por excelência, parte do discurso geográfico, instrumento da análise geográfica. Dessa forma, a "teoria crítica do mapa" (HARLEY, 1989) é o primeiro ponto de aproximação para a construção de reflexões que permitam pensar o que Girardi (2008) concebe como "Cartografia Geográfica Crítica - CGC".

Com efeito, o presente ensaio objetiva apresentar algumas reflexões acerca do papel da cartografia no período atual, bem como, da "Cartografia Geográfica Crítica" (CGC), noção desenvolvida originalmente por Girardi (2008), de maneira a se pensar o mapa, para além da crítica ortodoxa, compreendendo-o como parte da análise do discurso geográfico, instrumento de saber e poder a partir do qual se torna possível interpretar a realidade socioespacial e, mesmo, contribuir em processos de emancipação social. O mesmo ensaio apresenta-se subdividido em dois momentos: um primeiro momento, no qual serão tratados elementos relacionados à cartografia e à geografia cartográfica; um segundo momento, no qual se promove uma abordagem acerca da cartografia geográfica no Brasil.

CARTOGRAFIA E GEOGRAFIA CARTOGRÁFICA: BREVES EXPLANAÇÕES

Segundo Harley (1989), ao longo da história de formação da humanidade, os mapas sempre apresentaram certo fascínio, seja pela possibilidade de interpretação de características

do meio ambiente, seja como instrumento de interpretação de elementos objetivos e subjetivos, constituindo-se linguagem visual de praticamente todas as civilizações.

Ao substituírem o espaço real por um espaço analógico (processo básico da cartografia), os homens adquiriram um domínio intelectual do universo que trouxe inumeráveis consequências. Os mapas precederam a escritura e a notação matemática em muitas sociedades, mas somente no século XIX foram associadas às disciplinas modernas cujo conjunto constitui a cartografia (HARLEY, 1989, p.5)

Ainda segundo Harley (1989), os mapas e a cartografia constituem a um só tempo, linguagem e prática histórica, podendo revelar diferentes visões de mundo, à medida em que carregam um simbolismo que pode estar associado ao conteúdo neles representado, a saber, processos de poder, de saber, de vigilância e de influência política.

Para Barbosa (1967), a Cartografia configura campo de conhecimento que se apresenta sob uma forma visual de expressão, regida por regras matemáticas e que representa graficamente fatos e fenômenos, de forma a serem interpretados racionalmente.

Ainda segundo Barbosa, o caminho para estabelecer a metodologia cartográfica perpassa pelo entendimento e pela divisão em três tipos de representações: a Cartografia Geral, a Cartografia Especial e a Cartografia Temática. A primeira respectivamente, está diretamente ligada às técnicas do levantamento topográfico, à geodésia e à fotogrametria, apresentando-se subdividida em Cartografia Geral, Cadastral, Topográfica e Geográfica (Op. cit).

Já a cartografia especial está ligada a atividades específicas, visando atender rigidamente os objetivos da técnica ou ciência a que serve (ibid). A título de exemplificação desta perspectiva têm-se as Cartografias Náutica, Aeronáutica, Meteorológica.

Por fim, a Cartografia temática atua num campo vasto em que há necessidade de correlacionar inúmeros elementos à superfície topográfica, distinguindo-se da Cartografia Geral que visa o simples conhecimento da topografia e da Cartografia especial, que objetiva servir a um fim exclusivo (BARBOSA, 1967).

Considerando o período contemporâneo e a necessidade de construção de uma perspectiva de pensamento que permita pensar as diferenças entre uma abordagem cartográfica e uma abordagem de cartografia geográfica, assim como, o movimento relacional entre abordagem teórica e empírica, Girardi (2008) afirma que a cartografia analisa o espaço enquanto fonte de informações para o seu objeto de estudo.

Dentro dessa perspectiva, a cartografia procura levantar e representar as informações primárias do espaço, descobrindo melhores formas para tal emprego. Assim, enquanto a preocupação da cartografia está relacionada à representação, tendo no mapa como um desfecho final em si (BARBOSA, 1967), a geografia se preocupa com o uso do mapa na análise do espaço geográfico, e para isso o mapa constitui-se como um meio, um instrumental metodológico (GIRARDI, 2008).

Para que o processo de mapeamento consiga contemplar uma concepção crítica, que transcenda a contribuição meramente teórica, três abordagens cartográficas podem ser adotadas como complementares e indissociáveis na CGC, quais sejam: semiologia gráfica, visualização cartográfica e modelização gráfica (GIRARDI, 2008). A ênfase da "CGC" está na adoção da teoria crítica do mapa enquanto procedimento metodológico, que consiste no uso do mapa para interpretar ambivalências, contradições e desigualdades expressas a partir de representações do espaço (ibid).

Em relação aos conteúdos, técnicas, objetivos e habilidades dos cartógrafos e geógrafos, pode-se dizer que existem grosso modo, "duas cartografias", quais sejam: a cartografia sistemática e a cartografia geográfica. Esta última respectivamente, constitui uma especificidade da geografia (GIRARDI, 2008). Ainda segundo Girardi (2008), a definição de cartografia geográfica está diretamente relacionada aos tipos de mapas, seu conteúdo, fonte de informações e métodos de representação.

Compreende-se aqui que o termo "métodos de representação" apresentado nas afirmações do autor supracitado não encontra-se no sentido do método enquanto visão geral de mundo constituído de um conjunto de teorias científicas que por vezes articulam-se ou chocam-se, mas tão somente como conjunto de técnicas, de informações, de conhecimentos tecnológicos que possibilitam a interpretação de fenômenos.

De modo geral, a cartografia sistemática e a cartografia temática podem ser caracterizados da seguinte maneira: O primeiro agrega mapas de grau de precisão maior, cuja elaboração requer conhecimentos específicos sobretudo das ciências exatas e tecnológicas (ibid). Neste tipo de cartografia, a descrição constitui elemento essencial, as principais informações representadas são relativas às características básicas do terreno e a precisão é considerada indispensável (GIRARDI, 2008). Tal cartografia pode ser denominada ainda de cartografia topográfica, de referência geral e cartografia sistemática.

Por sua vez, considerando o conjunto de mapas da cartografia temática, a precisão não é determinante, porém não é totalmente ignorada (ibid). Os mapas que compõem este

conjunto são o resultado da representação de temas diversos sobre uma base cartográfica que reúne mapas do primeiro conjunto concebido (ibid). Os mapas desse segundo conjunto possuem características mais explicativas e analíticas, sendo chamados comumente de mapas temáticos.

Considerando as particularidades da produção das inúmeras perspectivas de pensar o papel da cartografia, o que se compreende por mapas topográficos e cartas geográficas?

83

MAPAS TOPOGRÁFICOS E CARTAS GEOGRÁFICAS

Raisz (1969) em suas reflexões a respeito do objeto de estudo da cartografia, classifica os mapas em gerais e especiais. Os mapas gerais são os topográficos em grande escala, com informações gerais da superfície da terra, nos seus acidentes geográficos, planimétricos, enquanto os mapas especiais são os mapas políticos, urbanos, econômicos e estatísticos, artísticos e de propaganda (RAISZ, 1969). Portanto, para Raisz, os mapas especiais apresentam especificidades associadas às características e a intencionalidades diversas, que buscam produzir representações para efeito de análises.

É dentro dessa perspectiva que se tem a produção de mapas políticos; mapas urbanos (plantas cadastrais); mapas de comunicações, mostrando estradas de ferro e de rodagem; mapas científicos de diferentes classes; mapas econômicos ou estatísticos; mapas artísticos para ilustração de anúncios ou propaganda; cartas náuticas e aéreas e mapas cadastrais, desenhados em grande escala e que representam as propriedades e áreas cultivadas (BARBOSA, 1967).

Ao seu modo, Libault (1975) considera a divisão entre mapas topográficos e cartas geográficas como produto de particularidades relacionadas à divisão entre cartografia topográfica e cartografia geográfica. Ainda segundo Libault (1975), os mapas topográficos constituem a representação do conjunto de informações localizadas sobre um determinado terreno, seja ele de base natural ou socialmente alterado pela ação antrópica, ao passo que as cartas geográficas estariam ligadas à análise explicativa e discussão dos resultados constatados no mapeamento.

A cartografia temática, cartografia geográfica ou geocartografia, nos dizeres de Libault (1975) caracteriza-se sobretudo pela possibilidade de construção de representações cartográficas que permitam estabelecer explicações acerca de dinâmicas, hierarquias, densidades, fluxos, constituindo-se instrumento de importância considerável para abordagem

geográficas, sejam elas referentes à possibilidade de produção de mapas temáticos que tratem de questões econômicas, demográficas e espaciais.

Joly (2004) concebe a Cartografia a partir de duas divisões, são elas: a Cartografia Topográfica e a Cartografia Temática. Neste sentido, a primeira perspectiva respectivamente, caracteriza-se por tratar dos elementos descritivos e geométricos no que concerne à abordagem da informação, ao passo que a cartografia temática caracteriza-se por uma abordagem explicativa dos dados obtidos. Portanto, o termo cartografia temática é empregado para designar a cartografia que se preocupa com a elaboração dos mapas que representam elementos não apenas descritivos, mas explicativos de determinados elementos da realidade.

Por sua vez, o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 1999) divide as representações cartográficas em: mapas gerais, temáticos e especiais, considerando a natureza e a finalidade da representação.

Os mapas gerais são considerados pelo IBGE, como documentos cartográficos elaborados com a finalidade de fornecer ao usuário uma base cartográfica com possibilidade de aplicações generalizadas (ibid). Tais mapas gerais são subdivididos ainda em: cadastrais, topográficos e geográficos.

A partir da base cartográfica fornecida pelo IBGE, pode-se efetuar a produção de mapas temáticos diversos que interessam de maneira mais direta à Cartografia Geográfica (GIRARDI, 2008). A esse respeito, o IBGE (1999) afirma ainda que os mapas temáticos podem ser divididos em três grupos, quais sejam: o primeiro grupo, composto pelos mapas de notação, que representam a distribuição das informações por meio de cores e tonalidade com sinais gráficos; ao passo que o segundo grupo consiste em mapas estatísticos que representam tanto fenômenos físicos quanto humanos; e finalmente, um terceiro grupo a ser concebido a partir de informações e elementos de representações cartográficas anteriores, que será denominado de mapas de síntese, os quais possuem finalidade explicativa a partir da representação de um fenômeno, constituindo-se enquanto mapas que formam uma abstração intelectual (GIRARDI, 2008).

Por sua vez, para Martinelli (2005), o desenvolvimento da cartografia temática e a produção de mapas temáticos decorre da necessidade de se produzir mapas para diversas aplicações, fato que norteou a passagem da representação das propriedades apenas visual, para a representação das propriedades analíticas dos objetos. Dessa forma, o mapa passou a ser o produto do raciocínio que seu autor empreendeu diante da realidade (ibid).

Nos dizeres de Martinelli (2003), ainda que a geografia possua certa tradição na produção e uso de representações cartográficas temáticas, os mapas temáticos não podem ser vistos como pertencentes exclusivamente à geografia, uma vez que outras disciplinas científicas tendem a fazer uso deste instrumento para a construção de interpretações. Não obstante, tais mapas interessam à geografia à medida que permitem promover uma abordagem representativa e interpretativa da dimensão espacial e territorial em diferentes escalas.

Outra classificação importante para a definição de especificidades da cartografia é concebido por Archela (2000), para quem a cartografia pode ser subdividida em: Cartografia Sistemática e Cartografia Temática. A Cartografia Sistemática utiliza convenções e escala padrão, contemplando a execução dos mapeamentos básicos que buscam o equilíbrio da representação altimétrica e planimétrica dos acidentes naturais e dos fenômenos culturais, bem como, a localização de fatos e situações geográficas.

Por sua vez, o mapeamento da cartografia temática consiste em um instrumento de expressão dos resultados adquiridos pela geografia e pelas demais ciências que tem necessidade de se expressar na forma gráfica (ARCHELA, 2000), aspectos, características, processos de mudanças a partir da produção de representações cartográficas.

O uso da cartografia constitui procedimento de pesquisa cada vez mais aplicado para a produção de interpretações gerais seja do espaço urbano e rural, seja de dinâmicas demográficas e econômicas, seja de fluxos de mercadorias, serviços e informações. Não obstante, torna-se necessário ressaltar que como todo procedimento metodológico, a utilização do respectivo instrumento cartográfico apresenta possibilidades e limites que devem ponderados quando se constrói o objeto de pesquisa em geografia, sob pena se de caminhar rumo a um "determinismo cartográfico" que tende a conceber o mapa como um fim em si e não como possibilidade interpretativa e explicativa para pensar o real.

A CARTOGRAFIA DE BASE E A CARTOGRAFIA GEOGRÁFICA

Girardi (2008), em suas reflexões a respeito das diferentes cartografias e sua relação com os elementos metodológicos e procedimentos de pesquisa, adota o par Cartografia de Base e Cartografia Geográfica para designar a diferença entre os conteúdos técnicos, objetivos e habilidades que compõem a cartografia de interesse dos cartógrafos e aquela de interesse dos geógrafos. Dentro dessa perspectiva, a cartografia de base seria responsável pela elaboração dos mapas base (ibid.). Tais mapas envolvem processos de elaboração, uso de

técnicas e conhecimentos cartográficos muito específicos, presentes no conteúdo curricular da engenharia cartográfica.

Os mapas base em questão são aqueles que fornecem com precisão as informações do terreno, a saber, mapas topográficos para navegação, a elaboração primária de mapas geomorfológicos, geológicos, pedológicos (GIRARDI, 2008).

Partindo-se dos mapas base, serão utilizadas as respectivas bases cartográficas na elaboração dos mapas da cartografia geográfica. A esse respeito, Girardi (2008) considera a noção de cartografia geográfica como mais significativo para designar uma perspectiva da geografia que se preocupa, mais especificamente, com o processo de mapeamento. Não obstante, torna-se necessário ressaltar ainda que a cartografia geográfica também se interessa pelos mapas da cartografia de base, porém não constitui objeto de seu interesse maior a elaboração primária de tais mapas.

A cartografia geográfica tem como principal objetivo conceber e encontrar as melhores formas para utilização dos mapas para a análise do espaço geográfico.

Como a geografia urbana ou a geografia rural, a cartografia geográfica é uma especialidade da geografia e, do mesmo modo, tem suas preocupações específicas, mas também temas que interessam de forma geral à ciência geográfica. Na geografia os avanços teóricos, metodológicos e técnicos sobre o mapa é preocupação específica da cartografia geográfica, porém, a elaboração e o uso do mapa é comum a toda geografia, já que seu objeto de estudo é o espaço (GIRARDI, 2008, p. 50).

A cartografia geográfica constitui importante especialidade da geografia responsável pela pesquisa, ensino e trabalho com os mapas, ao conceber aprimorar teorias, desenvolver práticas de leitura, elaboração de mapas e pesquisas sobre novos procedimentos metodológicos como instrumento para construção explicativa de elementos do espaço geográfico (ibid).

Com efeito, a "Cartografia Geográfica Crítica" (GIRARDI, 2008) constitui instrumento e possibilidade importante para a construção da geografia, não apenas por seu caráter operacional através da utilização de novas técnicas e tecnologias, produção de representações cartográficas sofisticadas, mas enquanto instrumental metodológico que apresenta elevada potencialidade operacional para a produção de representações cartográficas que permitam interpretar mudanças e permanências, ações e relações, ambivalências e contradições inerentes à produção da realidade socioespacial.

CARTOGRAFIA GEOGRÁFICA NO BRASIL: REVISITANDO PERSPECTIVAS E ABORDANDO NOVAS PROPOSIÇÕES

A geografia brasileira contemporânea, pautada na corrente crítica do pensamento geográfico ortodoxo apresenta uma tendência a negligenciar sistematicamente o mapa como instrumento de análise geográfica. Considerando esta perspectiva, convém fazer a seguinte indagação: Qual o papel da cartografia na geografia tradicional, pragmática e crítica?

A esse respeito, Santos (2002) afirma que a geografia tradicional caracterizou-se fundamentalmente por uma construção filosófica, pautada numa perspectiva linear que reduzia a realidade ao mundo dos sentidos, aos fenômenos da aparência. É dentro dessa perspectiva que a mesma geografia tradicional desenvolveu seu *corpus* de conhecimento pautado na empiria, na observação, na descrição, na enumeração e na classificação dos fatos.

Convém ressaltar aqui que os mapas já eram utilizados em diversas abordagens geográficas, como nas construções de Humboldt, Ritter e Ratzel (MORAES, 2001). Não obstante, o mesmo passa a ser utilizado com maior destaque nas abordagens regionais de La Blache (Op. cit). Tal fato decorre de uma característica peculiar da metodologia utilizada por este autor, que consistia no levantamento cartográfico inicial, bem como na conclusão, em geral, constituída por um conjunto de cartas, que quando sobrepostas projetariam relações inerentes ao modo de vida regional (MORAES, 2001).

Segundo Santos (2002), essa proposta metodológica, pautada na ampla utilização de mapas é trazida para o Brasil e incorporada ao processo de sistematização da disciplina, de tal maneira que a geografia e os mapas apresentavam-se como elementos indissociáveis para os pesquisadores desta corrente geográfica tradicional.

A partir dos anos de 1970 evidencia-se momento marcado pelo movimento de ruptura, de renovação da geografia, tanto do ponto de vista dos fundamentos teóricos, quanto no que concerne ao instrumental operacional da geografia tradicional, uma vez que esta corrente não mais conseguiu acompanhar o processo de transformações desencadeadas pelo desenvolvimento de formas capitalistas de produção naquelas circunstâncias histórico-geográficas (SANTOS, 2002).

Nesse momento duas outras correntes de pensamento geográfico em ascensão canalizaram uma série de críticas à incapacidade da geografia tradicional de explicar a realidade, são elas: a geografia pragmática e a geografia crítica. A primeira respectivamente, baseada em grande medida numa abordagem neopositivista e quantitativa, promovia uma

crítica à incapacidade da geografia tradicional em tratar a realidade, considerando a complexidade de questões práticas e teóricas que se apresentavam (MORAES, 2001).

A corrente da geografia pragmática pautou-se, primordialmente, na disseminação de uma proposta teórico-metodológica, segundo a qual, tecnologia e as análises de dados quantitativos deveriam estar na centralidade da construção teórica e operacional (MORAES, 2001). Nessas circunstâncias e como resultado de tais influências, é que o uso de modelos matemáticos e estatísticos nos estudos geográficos se ampliou ao mesmo tempo em que o trabalho de campo passou a ser negligenciado (MORAES, 2001).

É dentro dessa perspectiva que se passou a ampliar o uso do computador, do sensoriamento remoto e do mapeamento automático na elaboração de tipologias (MORAES, 2001). Uma das principais críticas a essa corrente teórica está relacionada ao distanciamento da realidade promovido por uma proposta metodológica que privilegiou excessivamente a matematização das abordagens explicativas em detrimento do trabalho de campo, da observação do objeto em *locus* (SANTOS, 2002).

Já a geografia crítica, enquanto correntes de pensamento pautada na geografia humanista e no materialismo histórico-dialético, constituíram perspectivas de pensamento que, para além de estabelecer críticas à geografia tradicional, também criticaram enfaticamente a geografia pragmática. Tais críticas centraram-se tanto no empirismo exacerbado, quanto na despolitização do discurso geográfico (MORAES, 2001).

Outra crítica da corrente crítica aos estudos das correntes tradicional e pragmática diz respeito ao exagero no uso das técnicas, visto como uma das causas do descomprometimento com a mudança social da realidade (MORAES, 2001). Essa corrente tendeu a projetar um discurso questionador a respeito do uso da técnica nos estudos geográficos, que passaram a ser vistos como herança da arquitetura ideológica das correntes tradicionais em defesa da reprodução de processos de alienação (LACOSTE, 2003). Tal fato contribuiu para certa negligência por parte desta corrente de pensamento, no que concerne ao uso do mapa e de técnicas estatísticas na geografia crítica.

Ao confundir método com procedimento metodológico, ignorando o uso do mapa enquanto instrumento operacional, a geografia crítica ortodoxa reduziu a própria potencialidade de interpretação, representação e análise do objeto de estudo da geografia (GIRARDI, 2008).

É no sentido de contribuir com a construção de um pensamento geográfico pautado na necessidade de superação desta concepção equivocada, que Girardi (2008) propõe a

"Cartografia Geográfica Crítica" (CGC), uma vez que esta compreende o mapa enquanto parte do discurso geográfico, potencializando interpretações e explicações de processos socioespaciais e permitindo que se evidencie e interprete as contradições imanentes ao modo capitalista de produção, suas manifestações e particularidades.

Torna-se necessário advertir que a cartografia ou mesmo a "Cartografia Geográfica Crítica", enquanto instrumento metodológico e ao mesmo tempo, possibilidade para a produção de representações do espaço, apresenta um viés que tem relação com a visão de mundo adotada pelo pesquisador, de tal maneira que tais representações cartográficas podem exprimir interesses da coletividade social ou apresentar um viés ideológico visando atender a interesses individuais de classes ou grupos sociais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Historicamente a cartografia exerceu papel significativo como instrumento para efeito de conhecimento do espaço geográfico com vistas à dominação por parte de Estados-nações. Durante muito tempo, o saber cartográfico, enquanto conhecimento de determinadas particularidades do território, constituiu-se elemento de importância significativa para o exercício do poder. No que concerne ao debate da ciência geográfica, a produção cartográfica constituiu elemento operacional relevante para interpretações sobre a realidade socioespacial.

Uma série de confusões interpretativas associadas ao fato de que a cartografia em determinado momento histórico geográfico, constituiu-se instrumental bastante utilizado tanto por parte do Estado, quanto pela geografia tradicional para efeito da construção de um discurso geográfico que tendeu a legitimar ações e intervenções do poder público; ações estas que atendiam a interesses de grupos econômicos e políticos privilegiados; fizeram com que a corrente da geografia crítica, a partir dos anos de 1970, promovesse uma crítica ao mapa, e, portanto, à cartografia, compreendida como método e não como procedimento operacional de pesquisa.

Esse tipo de interpretação contribuiu significativamente para certa negligência em relação ao uso desse importante instrumento operacional para a interpretação geográfica da realidade espacial. O pensamento geográfico contemporâneo parece caminhar rumo a uma perspectiva de reconhecimento da cartografia enquanto instrumento operacional relevante para a interpretação de processos e fenômenos inerentes à realidade socioespacial.

Dessa maneira, torna-se primordial, no período atual, pensar a produção de uma “cartografia geográfica”, que para além do discurso ortodoxo simplificador, permita compreendê-la enquanto instrumento metodológico necessário para interpretar e explicar contradições e paradoxos da modernidade, uma vez que, a sociedade atual vem passando por um processo de complexificação muito acelerada, fato que requer arregimentação de uma série de novos procedimentos metodológicos que, associados a outros instrumentos operacionais, permitam ler, interpretar e explicar a realidade socioespacial em sua diversidade e complexidade.

Não obstante, o mapa não deve ser interpretado como um dado a *priori*, que se realiza apenas por sua apresentação como acessório ilustrativo, a ser "enxertado" para fazer volume, como normalmente tem-se identificado em inúmeros artigos acadêmicos, trabalho de graduação, mestrado e mesmo em teses de doutorado. A representação cartográfica terá papel relevante na análise do discurso geográfico à medida que se estabeleça uma interpretação explicativa da representação cartográfica e sua relação com o objeto estudado.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARCHELA, R. S. *Análise da Cartografia brasileira: bibliografia de Cartografia na Geografia no período de 1935-1997*. São Paulo, 2000. Tese (Doutorado em Geografia) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 2000.

BARBOSA, R. P. *Revista Brasileira de Geografia*. A questão do método cartográfico. v.29, n.4, out./dez.1967. Rio de Janeiro: IBGE, 1967.

GIRARDI, E. P. *Proposição teórico-metodológica de uma cartografia geográfica crítica e sua aplicação no desenvolvimento do atlas da questão agrária brasileira*. 2008. 347 f. tese (Doutorado em geografia) Faculdade de Ciência e Tecnologia – FCT, Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Presidente Prudente. 2008.

HARLEY, J. B. A nova história da cartografia. *O Correio da UNESCO*, São Paulo: UNESCO, ano 19, agosto, v.8, p. 4-9, 1991.

_____. Deconstructing the map. *Cartographica*. v.26, n.2. Toronto: University of Toronto Press, 1989. p. 1-20.

IBGE. INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. *Noções básicas de Cartografia*. Rio de Janeiro: IBGE, 1999.

JOLY, F. *A Cartografia*. 6ª ed. Campinas: Papirus, 2004.

Revista GeoAmazônia, Belém, v. 02, n. 2, p. 79 - 91, jul./dez. 2013.

LACOSTE, Y. *A geografia - isso serve em primeiro lugar, para fazer a guerra*. 7^a ed. Campinas: Papirus, 2003.

LIBAULT, A. *Geocartografia*. São Paulo: EDUSP, 1975.

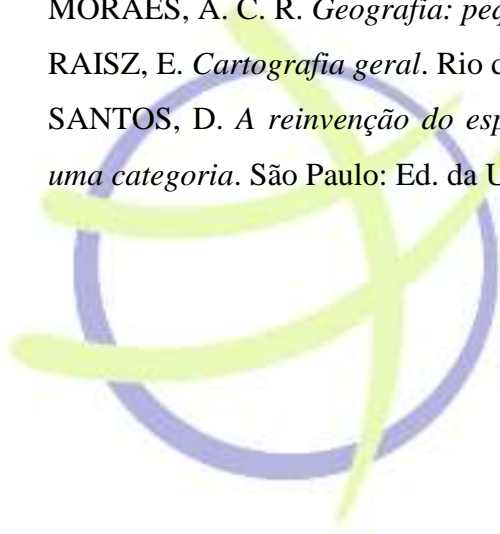
MARTINELLI, M. *Os mapas da Geografia e Cartografia temática*. São Paulo: Contexto, 2003.

_____. Os mapas da geografia. In: *XXI Congresso Brasileiro de Cartografia*. 2005. Anais do XXI Congresso Brasileiro de Cartografia. Macaé, 2005.

MORAES, A. C. R. *Geografia: pequena história crítica*. 18.ed. São Paulo: Annablume, 2001.

RAISZ, E. *Cartografia geral*. Rio de Janeiro: Científica, 1969.

SANTOS, D. *A reinvenção do espaço: diálogos em torno da construção do significado de uma categoria*. São Paulo: Ed. da Unesp, 2002.



PPGEO
PROGRAMA DE
PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA

Artigo Recebido em: 07 de maio de 2013.
Artigo Aprovado em: 06 de julho de 2013.